

O mundo trágico de Graciliano Ramos » Roger Bastide

Quando os escritos de Graciliano Ramos apareceram, de *Caetés* às *Histórias incompletas*, pôde a crítica seguir a evolução do autor, sua progressiva conquista de um estilo original e seu aperfeiçoamento. Agora, a livraria José Olympio publica, a um tempo, os cinco volumes que, com *Infância*, constituem a obra completa de Graciliano. Assim, torna-se mais fácil, graças a esta feliz publicação, perceber através de sua evolução as constantes de tal obra e as linhas mestras de seu pensamento.

A vida é decomposição. Destruição das células, criação de toxinas, que atacam o organismo, batalha de micróbios, agitação de animais unicelulares que comem o homem por dentro, que começam o assalto do cadáver que seremos, que já somos parcialmente: a lenta decomposição de nosso corpo constitui nossa mais intensa vida e nós jamais estamos mais vivos do que quando a febre nos devora.

Os heróis de Graciliano Ramos são seres que se comem a eles mesmos, que se devoram por dentro; não têm outro objetivo que não o se destruírem lentamente, completamente, e de continuar, num clima de febre, de suor quente, de tremor de músculos, a lenta desorganização de sua própria vida. Paulo Honório não vive enquanto constrói sua existência, enquanto realiza seu sonho de proprietário de fazenda, ele age simplesmente e mata; mas, quando chega ao auge de sua ação, vai procurar numa mulher o veneno que o atacará, que dissolverá suas forças, que minará — não de fora, como mulher, mas de dentro, como imagem, como representação de seu espírito, a sanidade de seus músculos de caboclo, o vigor de suas vísceras e lhe dará essa volúpia de morte, confundida com a vida em febre. O papel de Marina em *Angústia* não é diferente: é o vírus, que será cultivado numa proveta, é o caldo de bacilos que, injetado nas veias de um ser, proliferará numa vegetação venenosa. Apesar de Luís matar Julião Tavares, não é a este quem ele mata na bruma e na noite; é contra ele mesmo, Luís, que se levanta, é em torno de sua própria garganta que aperta suas mãos frias e úmidas, é à sua própria morte que ele assiste. Não é impunemente que alguns dos melhores contos de Graciliano Ramos se passam em hospitais ou em prisões, que recendem a sangue, a pus, a transpiração da febre, a cheiro de remédios: nele, a vida é sempre decomposição, uma volta à podridão. Mesmo em *Vidas secas*, que se passa no sertão da seca, onde a vegetação não apodrece, mas seca, queima e se calcina — a agonia de um cão, os espasmos de um animal que se derreia, ou a febre do álcool, a decomposição dos pensamentos na embriaguez, introduzem essa atmosfera de desagregação orgânica ou mental.

Como um corpo, pedaço por pedaço, tomba em retalhos sangrentos, assim a vida psíquica — sob a ação desses venenos voluntariamente secretos — se destaca em pedaços psíquicos. A composição dos romances de Graciliano Ramos se apresenta assim com toda a sua originalidade: é uma composição por decomposição. As recordações da infância, pequeninos fragmentos do mundo exterior (como o vastíssimo oceano, que apenas será visto através de uma vigia de navio, ou como o vasto mundo, percebido de momento a momento, através de pálpebras pesadas de febre, dificilmente soerguidas, por um olho embaçado, já descolorido pela asa da morte) associações mecânicas de idéias, repetições de palavras, umdois, 16.384, sim ou não, são algumas das etapas pelas quais a alma se esfarela, se destrói. Planta que se consome por si mesma, que se digere célula por célula. Cumpre aos heróis essa longa agonia noturna para que do todo organizado, desse conjunto bem integrado, que constitui o ser vivo, arrancadas pelo escachoar da febre, pelas ondas da morte, se destaquem ilhotas do passado, grupos de imagens antigas, recordações que, tendo cortado as amarras, sobem, flutuam um momento no espírito antes de desaparecer. *São Bernardo* segue ainda a ordem cronológica, como se a doença atacasse por ordem sucessiva as camadas estratificadas do ser, começando pelas mais antigas para ir pouco a pouco rumo às novas; mas *Angústia* vê o corpo espiritual atacado de todos os lados a um tempo, por toda parte sangue e pus, decompondo-se a nossos olhos, sem atenção à cronologia, mas seguindo a marcha da doença generalizada: a alma salta em pedaços de passado, em pedaços do presente, ambos inextricavelmente unidos.

São seres simples os que nos apresenta o autor: caboclos, pequenos funcionários públicos, contadores de lojas, emperrados em seus hábitos, vivendo somente uma vida convencional, ritmada pelos horários das repartições, pelos trabalhos do campo. Uma vida que não é vida. Para que esses autômatos vivam de verdade, precisam da ação corrosiva do veneno agindo no interior do organismo, destacando do passado os fragmentos de memória que podem então voltar à consciência, decompondo os hábitos, acelerando o pulso, fazendo o coração bater. E não é obrigatoriamente uma mulher que precipita o processo de decomposição; pode ser uma imagem qualquer, a “cama real, de couro e sucupira” para Sinhá¹ Vitória, o soldado louro para o marido desta, o perigo comunista para Dona Júlia. A partir desse momento, os autômatos estão promovidos à dignidade da vida verdadeira, pois, a partir desse momento, há uma imagem que os devora como um cancro, que os come de dentro, célula por célula.

¹ Cf. “Rente ao chão do texto” neste dossiê.

Mas, entenda-se, esta vida nova, esta vida interior se apresenta com estranhos aspectos, alucinatória, de pesadelo sustado. *Insônia* — é o título de um dos contos de Graciliano. De fato, o clima de seus livros é sempre um clima noturno, em que um doente febril nutre sua febre com seu próprio eu. Notou-se a pouca importância das paisagens nele; mas essa falta de descrição não ocorre apenas porque muitas das cenas se passam em repartições fechadas, em quartos escuros ou à noite; mesmo quando a cena se desenrola fora e em pleno dia, há, entre o indivíduo e os objetos que o circundam, como que uma noite opaca. O mundo exterior não entra pelos olhos, em geral, mas pelos ruídos que, nessa obscuridade, assumem uma sonoridade esquisita, um caráter alucinatório, destacando-se do conjunto real para se tornarem coisas autônomas, ferimentos, facas que entram na carne, pinças que apertam o crânio, instrumentos dessa cirurgia que Graciliano Ramos tão bem maneja. São cigarras que estridulam no sertão, é o tic-tac enervante do despertador, são os sinos, são os ruídos que vêm do outro lado da parede, modificando-se ao atravessar o muro, água da torneira, gemidos de amor. E esses ruídos tornam-se batimentos de pulso, uma reminiscência da infância perdida, qualquer coisa de interior e de doloroso, eles entram na decomposição do herói. As coisas vistas por certo existem também, mas a visão se faz primeiro do pormenor ao todo; ela se compõe por pedaços, é sempre analítica. Marina aparece, primeiro os pés, depois as pernas, depois o corpo; o rosto não é senão certo número de traços, a boca pintada, os cílios depilados, tudo mais fica na sombra. O processo vale também para a natureza. A fazenda de *São Bernardo* é uma cerca, é um campo de algodão, é... Ela se constrói pouco a pouco diante de nossos olhos, antes da visão de conjunto, que somente virá muito mais tarde, quando para ela começará também a decomposição e a agonia. Ou então ainda, os objetos exteriores só vivem muito tempo depois, como recordações; só tocam os heróis quando estes desaparecem, o papagaio comido, a árvore donde pende Julião Tavares. É preciso que se destaquem do presente para revestir uma forma estética, como esses pedaços de madeira, esses destroços de civilização, que o mar carrega para as praias e que de suas aventuras marinhas guardaram espirais de algas, brilhos de sal exposto ao sol. É que a visão é epidérmica, faz-se à superfície do corpo, no limite do olhar; para entrar no mundo de Graciliano Ramos, cumpre que ela se torne organismo; que entre, como elemento constituinte, na decomposição celular; que seja “sentida” e não “percebida”; que seja como a carne dolorosa; a natureza está no músculo que não se

*O Estado de São
Paulo*, São Paulo,
30.3.1947.

pode tocar, no arranhão da mão, no ventre que dói; é um estigma sob a epiderme, não é uma imagem objetiva, flutuando entre o ser e o mundo, como um simples reflexo deste último. Somente quando o mundo exterior se planta, como um punhal no corpo, e se torna sangue e pus é que ela também começa a existir realmente.

Assim, Graciliano Ramos conseguiu criar um mundo bem dele, o que o torna um dos maiores romancistas atuais da língua portuguesa e que, para se exprimir, soube encontrar uma linguagem densa, sugestiva, colada ao pensamento, sempre admirável. Sem tecido adiposo ou molho pardo, sem azeite de dendê nem leite de coco, sem pimenta da costa, como os escritores da cana de açúcar — mas farinha granulosa, carne seca ao sol, água rara, água preciosa, que conserva o gosto da terra queimada.

